



Ser mulher é difícil 24 horas por dia. Dependendo do seu ambiente familiar, você já começa a ser tolhida em casa escutando as pessoas falando o que você pode ou não fazer.

Foi em uma típica tarde do escaldante verão do Rio de Janeiro que Squel Jorgea nos recebeu na quadra da Estação Primeira de Mangueira com um sorriso largo. Nascida e crescida no meio do samba, Squel começou a desfilar ainda aos 9 anos como passista e porta-bandeira mirim pela Grande Rio, mas foi na escola verde e rosa que ela encontrou toda a potência necessária para se tornar a referência e o destaque que tem sido no carnaval carioca dos últimos anos.

Primeira porta-bandeira da Mangueira desde 2013, teve um papel primordial na conquista do título de 2016 e vem acumulando notas máximas em seu quesito desde então. Sempre levando para a avenida personagens fortes para a cultura negra e para o samba, é também representante de um enredo que traduziu toda a crítica ao preconceito com o carnaval que o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, vem demonstrando desde que foi eleito.

Em um papo descontraído, a nossa entrevistada deixou clara sua forte opinião diante do rumo que o carnaval carioca vem tomando e sua condição de mulher dentro do mundo do samba.

A Sapucaí volta a ser ácida

Outrora: O samba tem na sua história uma característica forte de resistência. Desde o início do século 20, sambistas já eram perseguidos com o respaldo da “lei da vadiagem”. Hoje a perseguição ao samba ainda existe, mesmo que de uma forma mais velada e dissimulada, como mostrado no último carnaval pelo prefeito Crivella. Qual a importância que você atribui ao posicionamento político que a Mangueira adotou nesse último desfile na luta contra a intolerância e o preconceito com a cultura negra?

Squel: Eu acho que a Mangueira só despertou para a vocação e a responsabilidade que ela tem perante a sua comunidade negra, pobre, favelada e discriminada. A respeito da intolerância religiosa, já vínhamos tocando nesse assunto desde que o Leandro [carnavalesco da Mangueira e marido de Squel] chegou aqui em 2016 no desfile da Bethânia. Inclusive ele ficou muito chateado porque queria que a capa do CD dos sambas daquele ano fosse a porta-bandeira yaô, careca, catulada e ela não foi a escolhida.

Quanto ao carnaval de 2018, o enredo poderia ter sido uma coisa muito mais ampla, mas surgiu a partir do corte de verbas que o prefeito fez e a forma como ele trata o carnaval e a cultura popular carioca. Essa visão toda gerou um debate político constante na escola sobre a situação da nossa cidade e foi muito legal porque acordou as pessoas para a força delas como cidadãs. O que eu mais escutei nesse período foi: “poxa, eu acreditava no Crivella e agora ele faz isso”. O Leandro direcionou as críticas

O que eu mais escutei nesse período foi: **“poxa, eu acreditava no Crivella e agora ele faz isso...”**

à figura do prefeito em si, porque é preciso ter cuidado já que estamos de certa forma mexendo com a religião das pessoas. Aqui na Mangueira temos muitos evangélicos, mas eles são mangueirenses. E os que não são e acreditam no que é falado dentro dessas

igrejas? A gente tem que respeitar, por mais que alguns eles sejam intolerantes com a gente, a gente tem que respeitar.

Acho louvável todo mundo ter ido com um discurso mais ácido para a avenida, mostrando tudo que a gente pensa, **mas também acho que alguns ali representaram o discurso de uma elite.**

Outrora: É muito interessante quando você diz que foi uma escola de samba que trouxe esse debate para as pessoas, não foi um intelectual ou um político...

Squel: Sim. E sendo muito sincera, acho que as outras escolas embarcaram na onda da Mangueira, até porque é necessário coragem para fazer uma crítica dessas. Até então o enredo da Tuiuti era muito sobre os 130 anos da abolição da escravidão e a Beija-Flor foi a última a definir o seu. Quando ela definiu, o enredo da Mangueira já estava no burburinho do povo. Alguns discursos que foram levados para a avenida só ratificaram o que a sociedade queria

ouvir. Acho louvável todo mundo ter ido com um discurso mais ácido para a avenida, mostrando tudo que a gente pensa, mas também acho que alguns ali representaram o discurso de uma elite.

Outrora: **Você acha que algumas escolas deram nome aos bois e outras não?**

Squel: Então... na Mangueira, por exemplo, quando eu cheguei no barracão e me avisaram que o boneco do Crivella estava pronto, eu tomei até um susto quando vi: “garoto, não é que ficou igual?” Nem a Globo sabia. Somente no dia do desfile, na concentração, quando a repórter deles estava rodando por lá é que o Leandro a chamou e mostrou, explicando o motivo do boneco ter sido colocado ali.

confusão o ano todo, que não foi um bom colega e o Crivella foi essa figura para o carnaval do Rio. Ainda bem que o Crivella tem noção de quem ele é. Queriam processar a Mangueira depois desse desfile e ele mesmo disse para deixar quieto. Ele tem noção do que está fazendo com a nossa cidade.

Outrora: **Quando falamos em resistência no samba, figuras femininas como Dona Ivone Lara surgem como exemplo de mulheres, que, em meio a um ambiente machista, se posicionaram e desafiaram essa realidade, buscando uma igualdade de gênero maior e dentro de um contexto de uma sociedade racista. Elas foram símbolos de resistência da cultura negra. Dito isso, você já sofreu na pele dentro do samba algum tipo de preconceito só pelo fato de**

Ainda bem que o Crivella tem noção do que ele é.

Queriam processar a Mangueira depois desse desfile e ele mesmo disse para deixar quieto.

Ele tem noção do que está fazendo com a nossa cidade.

Outrora: **Você acredita que se tivessem visto o boneco do Crivella antes, havia a possibilidade dele ser censurado igual ao Cristo do Joãozinho 30 ou algo do tipo? Porque no desfile das campeãs o vampiro Temer da Tuiuti não pode desfilarmos com a faixa presidencial...**

Squel: Não sei te dizer ao certo. Pode ser que censurassem sim, pode ser que as pessoas confundissem e misturassem tudo colocando a religião no meio. Eu li até uma nota em algum lugar depois do final do desfile que dizia que tínhamos desrespeitado alguma religião colocando uma figura de Judas ali, quando isso não tem nada a ver. Brincar de Judas é algo da cultura popular. É aquele vizinho linguarudo que arranjou

ser mulher? Você acha que o protagonismo das mulheres dentro desse ambiente ainda está muito atrelado à questão dos seus corpos, deixando em segundo plano as suas enormes contribuições para que o carnaval ocorra?

Squel: Ser mulher é difícil 24 horas por dia. Dependendo do seu ambiente familiar, você já começa a ser tolhida em casa escutando as pessoas falando o que você pode ou não fazer. Eu passei por muitas situações preconceituosas que me magoavam dentro da minha própria família, que não entendiam o que eu faço e o que é ser artista. Passei também por situações difíceis no carnaval e isso foi um dos motivos que me fizeram sair de uma Escola de Samba. A questão da remuneração das mulheres no carnaval é um pouco diferente. É normal tanto

para o homem quanto para a mulher ganhar um salário mais baixo por estar começando e a escola te dando uma oportunidade. Não posso dizer que eu ganhava menos somente pelo fato de ser mulher, mas eu só fui ter o mesmo salário que o meu mestre-sala da época 4 anos depois.

O fato de você não ser ouvida e das pessoas não considerarem a sua opinião era também um problema, mas era algo muito velado, acontecia e os outros ignoravam com a desculpa de que eu era nova. Cheguei na Mangueira e fui convocada para uma reunião com quase 40 pessoas e só tínhamos eu, a diretora da ala de comunidade e minha coreógrafa de mulheres presentes, éramos minoria. E o ex-presidente Elmo me perguntou: “e aí, porta-bandeira, o que você tem para nos dizer?”. Saber que você é ouvida e, o mais importante, que o que você disse foi posto em prática, dá uma alegria muito grande.

Outrora: Em 2016, a Mangueira desfilou com o tema da Maria Bethânia e você veio na avenida careca, maravilhosa, representando uma Yaô e exaltando a cultura africana lindamente. Como foi o processo de construção dessa representação? Essa cultura já era algo muito presente na sua vida, na sua memória, ou você teve que pesquisar muito antes?

Squel: Eu sou uma apaixonada pelo candomblé, acredito e respeito todas as religiões. Não sou candomblecista, mas costumo falar que desde o desfile da Mangueira de 2016 eu sou. Ventou mais um pouquinho, eu já estou falando “epahey, minha mãe!”. Leandro me mostrou uma foto de uma yaô dormindo, do Pierre Verger,

Não posso dizer que eu ganhava menos somente pelo fato de ser mulher, mas eu só fui ter o mesmo salário que o meu Mestre Sala da época 4 anos depois.

como referência antes de elaborar minha fantasia. O único problema era como iríamos resolver a questão do cabelo, mas procuramos uma pessoa especialista para fazer e a preparação não teve muita coisa não, foi basicamente o teste de maquiagem para ficar careca. Eu já sabia que yaô não usava salto, então fui de sapatilha de balé para a avenida. Todo mundo ficou muito feliz, pois não estávamos agredindo ninguém. O mais engraçado foi ver o choque das pessoas achando que eu estava careca de verdade. [risos]

Acredito que o Carnaval tem o poder e a força de representar e demonstrar que **todos podem conviver harmonicamente**

Outrora: Olhando para o contexto atual do RJ, com um prefeito bispo e uma enorme perseguição às religiões de matrizes africanas, você acredita que o carnaval nesse caso assume um papel político transcendendo o lugar da festa popular?

Squel: Acho que não vai transcender porque na verdade está tudo muito misturado. Carnaval é isso: é resistência e está ali para representar seu povo e sua origem. O problema da intolerância religiosa está aí há muitos anos, está desde sempre. Acredito que o carnaval tem o poder e a força de representar e demonstrar que todos podem conviver harmonicamente. Em 2017, Leandro fez uma figura metade Oxalá e metade Jesus Cristo para o desfile

da Mangueira, e aquilo ali deixou muita gente feliz porque representou a religião católica e o candomblé convivendo em paz. E a nossa sociedade é isso, essa mistura de fé. O carnaval tem esse poder de unir, de linkar, falar disso de forma soberana. Para os chatos de plantão, esse é nosso espírito, a nossa cultura, a nossa gente: aceitem.

Outrora: **Você é neta do famoso Xangô da Mangueira, começou a desfilar ainda aos 9 anos na Grande Rio e passou por escolas como a Mocidade Independente de Padre Miguel, até chegar ao posto de primeira porta-bandeira da Mangueira hoje. Como surgiu esse amor ao samba? É uma herança de família, passada já desde os tempos de seu avô? Qual o papel que sua família tem sobre a construção do personagem Squel?**

Squel: O meu avô é uma figura lendária para o carnaval e tinha como me trazer para a Mangueira se quisesse, pois era diretor de harmonia e uma pessoa influente. Mas a grande lição que me deixou foi a de trilhar meu próprio caminho sem a sua interferência. Chiquinho [presidente da Mangueira e atual deputado estadual do RJ] quis em sua gestão fazer uma reestruturação e resgatar as raízes da escola, buscando assim pessoas que tivessem uma representatividade para a comunidade. E eu cheguei aqui em um momento em que eu estava madura, consciente e por causa do meu trabalho.

As crianças, por exemplo, se sentem representadas através da gente. Há um tempo atrás eu fiz umas tranças nagô e quando cheguei no samba algumas meninas vieram me elogiar e dizer que queriam usar tranças também. Eu tive que tirar as tranças na semana seguinte, mas prometi a mim mesma que a partir daquele momento só viria para a Mangueira assim [Squel passa as mãos no cabelo, colocando-os para cima] com o cabelo bem cheio, com mais

volume, pois as crianças se reconhecem e se identificam.

Outrora: **Você acaba sendo uma representatividade para elas, não é?**

Squel: Sim. Eu olhei para elas, elogiei, disse que estavam lindas, incentivei. Um mangueirense postou um vídeo na internet esses dias de umas crianças brincando na rua depois do carnaval. Tinha uma menina com um cabo de vassoura atravessado no short e no vídeo elas fingiam ser o Matheus e eu. E isso é para mim uma responsabilidade muito grande. Essa paixão pela escola e pelo carnaval tem muito desse laço que meu avô construiu com as pessoas e até hoje é lembrado. Quando eu vejo que nós também estamos criando esse vínculo, sei que estamos conseguindo dar continuidade ao legado dele e representar seu nome de forma honrosa.

Outrora: **Na história contada sobre a origem das porta-bandeiras, existe a narrativa que diz que elas possuíam a importante tarefa de proteger o pavilhão das “escolas de samba” frente às tentativas de roubo pelos grupos rivais. Junto a um capoeirista, que aplicava golpes a quem tentasse se aproximar do pavilhão, elas carregavam a principal representação do grupo. Ainda hoje as porta-bandeiras carregam nos braços a importante tarefa de levar o pavilhão para a avenida. Qual a emoção que você sente diante de tamanha responsabilidade? E qual é o segredo para ganhar 10 de todos os jurados nesse quesito?**

Squel: Eu fui a Portugal esses dias aplicar um *workshop* e expliquei para as meninas de lá essa origem das porta-bandeiras. Até hoje essa história está nas nossas cabeças de forma muito forte para que a gente sempre possa lembrar como tudo isso começou.

Eu percebi que lá as crianças na rua

Lá fora você tem uma
boneca negra com uma
função legal, **aqui no
Brasil não**

ficavam admiradas com meu cabelo. Teve uma menina que passou por mim e perguntou à mãe se eu era a Doutora Brinquedos. Como não tenho filhos, não fazia ideia de quem era e fui perguntar. A Doutora Brinquedos é uma boneca negra, médica, que cuida dos outros brinquedos doentes. Aí você vê que bacana! Lá fora você tem uma boneca negra com uma função legal, aqui no Brasil não.

Confesso que até hoje não sei definir exatamente o que é ser porta-bandeira. A gente representa tantas coisas, alcança tantas pessoas... Se tem samba dia de sábado, eu fico em casa me preparando para chegar aqui com toda a energia que as pessoas merecem, pois é uma força que a gente carrega, não é só um pavilhão ou um pano bonito. A nossa potência é tão grande que pessoas do outro lado do oceano são apaixonadas pela nossa cultura. Não sei se há um segredo. Eu trabalho muito, incansavelmente e integralmente em busca desse sonho para honrar a minha comunidade, minha escola e o meu quesito.

